

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

O risível em *A hora da estrela* de Clarice Lispector.

Cibele Nascimento Menezes
Brasília, junho de 2006.

Centro Universitário de Brasília – UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

O risível em *A hora da estrela* de Clarice Lispector.

Monografia apresentada como requisito parcial para
conclusão do Curso de Licenciatura em Letras
pela Faculdade de Ciências da Educação do
Centro Universitário de Brasília – UniCEUB,
tendo como Professora-orientadora: Ana Luíza Montalvão.

Cibele Nascimento Menezes
Brasília, junho de 2006.

Dedicatória

Dedico esta monografia aos apreciadores da Arte literária, aos estudiosos dessa Arte e especialmente àqueles que querem se aprofundar no conhecimento do risível presente na obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, objeto de estudo do presente trabalho, e aos que querem refletir sobre os aspectos sociais, econômicos, culturais e psicológicos que nos trás o risível nesta obra.

Agradecimentos

O agradecimento especial vai a meus pais pelo apoio financeiro e espiritual, e aos demais familiares pelo incentivo. Agradeço também a professora Ana Luíza Montalvão pelo esforço em me corrigir e exigir que fosse feito sempre o melhor. Agradeço aos demais professores que tive por terem instigado em mim a curiosidade literária e a capacidade reflexiva. Todas as pessoas mencionadas me fizeram pensar sobre o que a leitura correta pode transformar no mundo e no ser, pensamento importante na escolha do tema desta monografia. Agradeço também a própria Clarice Lispector por ter escrito uma obra que ela dizia simples, mas que só em minúcias se pode perceber como é tão rica.

Resumo

Esta monografia consta de quatro capítulos e tem como tema o risível em *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Esta tem início esclarecendo, no capítulo 1, das origens do romance até chegar ao romance modernista e à corrente vanguardista que pertence Clarice Lispector, autora do objeto de estudo desta monografia; em seguida, no capítulo 2, há o esclarecimento sobre o que seria o risível e sobre as formas que suscitam ao riso como a ironia e o riso trágico; no capítulo 3, faz-se estudo sobre a visão intimista de Clarice Lispector, mostrando seu estilo autêntico, como surgiu e o que repercutiu no cenário cultural brasileiro e, no capítulo 4, há o resumo do enredo da obra *A hora da estrela*, objeto de estudo desta monografia, e cita exemplos de como se apresenta o risível nesta obra analisando principalmente a personagem Macabéa e sua não adaptação no mundo.

Palavras-chave: Risível, ironia, intimismo.

Sumário

Introdução.....	7
Capítulo 1: O romance Modernista.....	8
Capítulo 2: O que é o risível.....	13
Capítulo 3: A visão intimista de Clarice Lispector.....	17
Capítulo 4: <i>A hora da estrela</i> e a presença do risível.....	21
Conclusão.....	26
Referências.....	27

Introdução

Esta monografia tem como objeto de estudo o risível presente na obra: *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Para tanto, faz-se uma abordagem em quatro capítulos sobre: o romance modernista, o sentido do risível, a visão intimista de Clarice Lispector e a exemplificação do risível nessa obra. No capítulo 1, fala-se das origens do romance até chegar ao romance modernista e à corrente vanguardista que pertence Clarice Lispector, autora do objeto de estudo desta monografia; em seguida, no capítulo 2, há o esclarecimento sobre o que seria o risível e sobre as formas que suscitam ao riso como a ironia e o riso trágico; no capítulo 3, faz-se estudo sobre a visão intimista de Clarice Lispector, mostrando seu estilo autêntico, como surgiu e o que repercutiu no cenário cultural brasileiro e, no capítulo 4, há o resumo do enredo da obra *A hora da estrela*, objeto de estudo desta monografia, e cita exemplos de como se apresenta o risível nesta obra analisando principalmente a personagem Macabéa e sua não adaptação no mundo.

Neste estudo, foram utilizadas pesquisas bibliográficas e consultadas inúmeras obras como: *O riso e o risível: na história do pensamento*, de Jorge Zahar; *Comicidade e riso* de Vladimir Propp; *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi; e *Roteiro de Leitura: A hora da estrela da Clarice Lispector*, de Márcia Lígia Guidin. No estudo de caso ocorre a desconstrução do objeto de estudo: *A hora da estrela*, pelo viés do risível.

Além de esclarecer sobre o Romance modernista e a visão intimista de Clarice Lispector, o presente trabalho procura esclarecer acerca do risível na obra: *A hora da estrela* e refletir sobre os aspectos sociais, culturais, econômicos, culturais e psicológicos que permeiam esse tema na mencionada obra.

Capítulo 1

O Romance Modernista

Romance é uma obra literária de ficção em prosa, mais extensa e desenvolvida que a novela, que cria e insere em espaços, ambientes e intrigas, personagens dotadas de traços de diferente grau de densidade psicológica; narração histórica, em versos simples; história fabulosa, sentimental e dramatizada.

Etimologicamente, a palavra romance deriva da expressão latina *romanice loqui*, “falar românico”, ou seja, falar num dos dialetos que se formaram da língua Romana, em oposição a *latine loqui*, que era a língua culta da Idade Média. Nesses dialetos populares se contavam histórias de amor e de aventuras cavaleirescas, transmitidos oralmente. Por isso, romance passou a indicar uma longa narrativa sentimental, forma que viveu à margem da literatura oficial durante a época do Classicismo¹. O romance é um dos gêneros mais conhecidos da literatura. Herdeiro da epopéia, é tipicamente um gênero do modo narrativo, assim como a novela e o conto.

Os elementos fundamentais do romance são o enredo, as personagens e o narrador. Em parte considerável dos romances, o enredo é narrado em primeira pessoa, pelo próprio personagem principal, de modo que a obra parece autobiografia imaginária. O romance moderno prefere, em geral, a narração em terceira pessoa, pelo próprio romancista; mas, em grande parte dos romances do século XIX o romancista-narrador intervém freqüentemente na narração, interrompendo-a por meio de reflexões sobre os acontecimentos e os personagens.

¹ D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto. Prolegômenos e teoria da narrativa*. Vol.1. São Paulo: Ática, 1995. p.116.

No romance há um paralelo de várias ações, uma personagem pode surgir em meio a história e desaparecer depois de cumprir sua função; o final é um enfraquecimento da combinação e ligação de elementos heterogêneos, não necessariamente o clímax.

Considera-se que o romance nasceu no início do século XVII, sendo o precursor deste gênero o “Dom Quixote de La Mancha”. Na tentativa de parodiar a novela de cavalaria, Miguel de Cervantes não só escreveu um dos grandes clássicos da literatura, como ajudou a firmar o romance, que viria substituir a epopéia, gênero que se enfraqueceria no século XVIII, com o advento da era industrial. Pode-se dizer que o romance é a epopéia burguesa moderna.

É importante revelar o papel de predominância no campo da literatura que o gênero romanesco exerceu a partir do Romantismo. Especialmente no século XX, o romance tornou-se uma forma artística apta a expressar as perplexidades da realidade. Os melhores ficcionistas em prosa da modernidade souberam revestir fábulas e personagens do mais profundo sentido humano, enriquecendo suas histórias imaginárias com a reflexão histórica, o ensaio filosófico, a descoberta científica, o pensamento político, a introspecção psicológica, a revolução ética, a renovação lingüística².

O romance modernista tenta representar a ruptura com o passado, quer ser a literatura do novo. Algumas de suas características são: audácia, choque, irreverência, ritmo psicológico, interesse pelo inconsciente, provocação da burguesia. A literatura é realizada em função de experiências interiores, da vida e do espírito. O Modernismo é a adesão ao novo, a utilização do novo na literatura. O movimento simbolista teria uma grande influência no desenvolvimento do Modernismo, devido ao seu foco na sensação. As

² D'ONOFRIO, Salvatore. *Teoria do texto. Prolegômenos e teoria da narrativa*. Vol.1. São Paulo: Ática, 1995. p.118.

vanguardas européias: Futurismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo e Concretismo vão formar a base da literatura modernista. Essas vanguardas, principalmente o Futurismo, apresentam novidades estéticas que são absorvidas pelo movimento modernista.

O Modernismo, no Brasil, explodiu com a Semana de Arte Moderna em 1922, que propunha propagar as novas tendências artísticas que já vigoravam na Europa. A princípio, o movimento modernista foi chamado de “Futurismo”, entretanto, a palavra começou a ser repudiada por seus participantes que não aceitavam as idéias futuristas de Marinetti, pouco simpático aos verdadeiros modernistas.

Foi durante a década de 1910 e 1920 que germinaram as sementes do Modernismo. Foram trabalhados novos ideais de Arte. Nessa década há um período de transição classificado como Sincretismo. Esse período possuía elementos simbolistas e parnasianos, que afastou os representantes da marca oficial da literatura expressa em Bilac e Alberto de Oliveira, a quem se deve o domínio Parnasiano até mesmo depois da eclosão modernista, criando a frente contra a qual se teria que atirar a vanguarda revolucionária do Modernismo. O romance Brasileiro do Modernismo é um fenômeno cultural integrante de um processo histórico que fora entrevisto racionalmente, mas não estruturado politicamente³.

Após a Semana de Arte moderna, os escritores brasileiros investiram em formas de divulgação dos novos padrões estéticos com o objetivo de dar continuidade aos ideais de renovação artística. A estratégia foi o lançamento de revistas e manifestos. Surgiu, então a revista Klaxon (1922), Estética (1924), A revista (1925/26), Terra roxa e outras terras (1926) e Verde (1927). Oswald de Andrade foi o responsável pelo primeiro manifesto modernista: o *Manifesto Pau-Brasil* (1924). Em 1928 lança o *Manifesto Antropófago*, e

³ DACANAL, José Hildebrando e outros. *O romance modernista*. Porto Alegre: UFRGS, 1990. p.27.

numa radicalização do primitivismo característico de “Pau-Brasil”, propõe o caminho contrário ao das correntes nacionalistas que defendiam a idealização de um Estado forte⁴.

Dentre inúmeras correntes pertencentes ao Modernismo, há a subjetivista e introspectiva ou psicológica, que se caracteriza por acentuada impregnação esteticista, herança evidente do Simbolismo e Impressionismo; desenvolvendo-se na indagação interior, em torno dos problemas da alma, do destino, da consciência. Há casos em que, ao lado da sondagem psicológica coloca-se o questionamento religioso e metafísico, procurando a essência e os valores da vida espiritual. É o caso de Gustavo Corção, Cornélio Pena, Otávio de Faria, Lúcio Cardoso⁵. Como variante desse grupo, valorizando os produtos do onírico, criando uma atmosfera de grande conteúdo emotivo, podemos assinalar Clarice Lispector, autora do objeto de estudo desta monografia, *A hora da estrela*.

O primeiro romance da escritora modernista Clarice Lispector, *Perto de um coração selvagem* (1944), surge no cenário cultural brasileiro na década de 1940, quando eram reverenciados escritores da corrente Regionalista. A prosa de Clarice, influenciada principalmente pelos escritores europeus James Joyce e Virgínia Woolf, vai manter grande contraste com essa literatura em vigor. Isso ocorre pelo caráter introspectivo de seu texto, e pela utilização do discurso indireto livre para captar o pensamento das personagens. Vanguarda no país, esse modo de narrar vai representar mais um ponto de renovação na literatura modernista brasileira⁶.

Clarice Lispector vai construir em sua última obra, *A hora da estrela* (1977), que é o objeto de estudo desta monografia, uma forma de expressão intermediária dos modos

⁴ ABAUREE, Maria Luíza. *Coleção base: português*. Vol. Único, 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000. p. 274-5

⁵ DANTAS, José Maria S. *Novo Manual de Literatura*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. p. 266-7.

⁶ GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática. 2.ed. 1998. p.22-3.

trágico e cômico, configurando o risível. Matéria esta que será analisada minuciosamente no capítulo 2 desta monografia.

Capítulo 2

O Que é o risível?

Do latim *risibile*, aquilo que é digno de riso ou escárnio; grotesco; que causa riso. Para Verena Alberti, corresponde ao termo *ridicule* utilizado por Joubert e para ele, a coisa risível é vã, leve, frívola, e sem qualquer importância, de modo que sua causa intrínseca se encontra em outro lugar. O risível é coisa torpe e indigna de piedade e se encontra “em fato” (coisa) ou “em dito” (palavra)⁷.

Segundo a investigação de Laurent Joubert, pode-se distinguir cinco subespécies de risíveis: os feitos sem querer, os propositais, os danos leves, os enganos relacionados aos cinco sentidos e ainda os equívocos da imaginação. Na definição da matéria risível, ele diz que há, nos risíveis feitos e ditos, condições para que sucite o riso. É necessário que sejam engraçados e que penetrem os sentidos; para serem engraçados têm de ser adequados em tempo e lugar, que não sejam tão reiterados a ponto do enfado, e que sejam inesperados. Há ainda os risíveis vistos e ouvidos que são a transformação dos feitos e ditos Segundo Laurent Joubert, todos os exemplos risíveis feitos e vistos demonstram “como a coisa torpe e indigna de comisseração é aquilo de que rimos”.⁸

O riso ocorre em presença de duas grandezas: de um objeto ridículo e de um sujeito que ri. Segundo Bergson⁹, o riso ocorre quase com a precisão de um processo da natureza, ou seja, quando há uma causa para isso. Entretanto, pode-se dar a causa do riso sem que todos riem. O nexos entre o objeto do risível e a pessoa que ri não é obrigatório. A causa

⁷ ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999. p. 31-32.

⁸ ALBERTI, Verena. Op.cit. p.89-90

⁹ PROPP, Vladimir. *Comichade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992. p. 31

disso pode estar em condições de ordem histórica, social, nacional e pessoal. Cada época e cada povo possuem seu específico sentido de humor e de cômico. Para Joubert, trata-se de classificar a matéria risível do ponto de vista do observador, ele fala da percepção dos risíveis e não de sua produção¹⁰.

A capacidade para a reação de riso é, no conjunto, um fenômeno de ordem positiva; uma manifestação de amor à vida e de alegria de viver. Se o riso é um dos sinais do talento próprio do ser humano, se as pessoas dotadas e normais são capazes de rir, a incapacidade de rir, às vezes, pode ser sinal de obtusidade, insensibilidade e deficiência. O riso é incompatível com uma grande e autêntica dor e torna-se impossível quando percebemos no próximo um sofrimento verdadeiro. Se apesar disso alguém ri, sentimos indignação, esse riso atestaria a monstruosidade moral de quem ri¹¹.

Rir do que é ridículo é a causa mais comum e natural para o riso. Vladimir Propp cita três exemplos distintos que causam riso. No primeiro, um orador faz um discurso e é interrompido várias vezes por uma mosca; no segundo, um homem gordo entala-se nas portas de tão gordo que é, então uma pessoa pressiona-lhe a barriga com o joelho e o empurra para trás; no terceiro, um palhaço está vestido normal como alguém da cidade e traz no ombro uma cancela de jardim, ele pousa a cancela no chão, limpa os pés, abre a cancela, passa através dela e torna a fechá-la. Nos três exemplos é possível estabelecer que o riso surgia da manifestação repentina de defeitos ocultos e de início totalmente imperceptíveis. Pode-se concluir que o riso é a punição que nos dá a natureza por um defeito qualquer oculto ao homem, defeito que é revelado repentinamente¹².

¹⁰ ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999. p.90.

¹¹ PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992. p.35.

¹² PROPP, Vladimir. Op.cit. p. 41-4.

Clément Rosset¹³, em sua *Lógica do pior*, caracteriza o que seria o “riso exterminador” ou “riso trágico” partindo de um caso concreto, o naufrágio do Titanic. O fato do desaparecimento possui, em si mesmo, uma vertente cômica. O desaparecimento é a exterminação sem restos, a pura e simples cessação do ser. E é nessa passagem gratuita do ser ao não-ser, sem que haja razão ou fator necessário, que reside, para Rosset, a motivação para o riso trágico. O riso exterminador, aquele que não há fraqueza de afirmar o sentido, significa para ele, a vitória do caos sobre a ordem: o reconhecimento do acaso como “verdade” daquilo que existe.

Clément Rosset situa o riso em um espaço para além do pensamento e da ordem. O riso está vinculado a um “não-lugar” do pensamento. Dois movimentos estão relacionados com este não-lugar. Para o primeiro, o riso e o risível remetem ao não-sentido (*nonsense*), ao inconsciente, ao não-sério, que existem apesar do sentido, do consciente e do sério. O segundo movimento relaciona o “nada” à cessação do ser: o “nada” não é mais a “metade” não-séria ou inconsciente do ser, e sim a morte. Nesse caso, saber rir é tornar-se Deus, experimentar o impensável, ou ainda sair da finitude da existência¹⁴.

O risível também pode dar-se por intermédio da ironia. Nos romances é comum o tipo de ironia onde a falsa imagem que uma personagem formou de si mesma contrasta com a que a obra induz o leitor a formar. É básico que na ironia há esse contraste entre realidade e aparência. Na ironia o significado real deve ser inferido ou do que diz o ironista ou do contexto em que o diz. O ironista propõe um texto, e em tal contexto estimulará o leitor a

¹³ ALBERTI, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999. p.20-1.

¹⁴ ALBERTI, Verena. *Op.cit.* p.21-3.

rejeitar o seu significado literal expresso, em favor de um significado, além do literal; assim se fez a ironia.¹⁵

Freud considerava a ironia ‘algo próximo do gracejo’, uma subespécie do cômico. Produz prazer cômico, se assemelha à brincadeira e sua força deriva do prazer de comparar a aparência com a realidade. Ele não descarta o ‘humor sinistro’. Há situações trágicas em que se faz presente a ironia, como em *Othello*, de Shakespeare.¹⁶

As considerações acerca da matéria do risível mostram seu caráter concreto, ou seja, algo que se encontra fora do homem e o penetra pelos sentidos, sendo também concretos os obstáculos que impedem o riso.

Será analisado o risível presente na obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, autora do objeto de estudo desta monografia, no capítulo 4 desta; e a visão intimista dessa autora será abordada no capítulo 3 da mesma.

¹⁵ MUCKE, d.c. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995. p.54-8

¹⁶ MUCKE, d.c. Op.cit. p.66.

Capítulo 3

A visão intimista de Clarice Lispector

Clarice Lispector, autora do objeto de estudo desta monografia, tem uma visão de mundo registrada num modo peculiar de articulação do texto que provoca inquietação nos leitores. Possui universo ficcional rico no estilo e na preocupação com a existência. A escrita clariceana é instintiva, intuitiva e sensorial. Mantém-se fiel as suas primeiras conquistas formais. O intimismo, o uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo de consciência, a ruptura com o enredo factual são constantes em seu texto.¹⁷

Como mencionado no capítulo 1 desta monografia, o primeiro romance da escritora, *Perto de um coração selvagem* (1944), aparece no cenário cultural brasileiro na década de 40, quando se aplaudiam escritores regionalistas. Essa obra foi tão importante quanto, para a poesia, *Pedra e sono*, de João Cabral de melo Neto. A prosa de Clarice, influenciada pelos escritores europeus James Joyce e Virgínia Woolf, vai manter grande contraste com a literatura em vigor na época por causa do caráter introspectivo de seu texto, pela utilização do discurso indireto livre para captar o pensamento das personagens¹⁸.

É pela introspecção característica de seu texto que se configura o intimismo em sua obra. Introspecção vem do latim ‘intro’ que significa *dentro* e ‘spicere’ que é *olhar*.¹⁹ Podemos definir a expressão como olhar para dentro, exame dos pensamentos, impressões e sentimentos próprios; observação e análise dos processos da própria mente; auto-exame da consciência; método que permite definir as noções, a intenção e a atitude da consciência²⁰.

¹⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p.478.

¹⁸ GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática. 2.ed. 1998. p.22-3.

¹⁹ ÁVILA, Fernando Bastos de, *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1978.

²⁰ http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx

A obra clariceana mostra suas personagens internamente, ou seja, sua consciência, pensamentos, medos; faz uma viagem ao âmago da alma e do ser.

Vanguarda no país, esse modo de narrar inaugura um novo estilo Modernista. Clarice Lispector é variante da corrente subjetivista e introspectiva ou psicológica, que se caracteriza por acentuada impregnação esteticista, influência do Simbolismo e Impressionismo; desenvolvendo-se na indagação interior, em torno dos problemas da alma, do destino, da consciência. Há casos em que, ao lado da sondagem psicológica, coloca-se o questionamento religioso e metafísico, procurando a essência e os valores da vida espiritual. Além disso, a autora valoriza os produtos do sonho, criando uma atmosfera de grande conteúdo emotivo.²¹

O romance de Clarice Lispector pode ser representado como o romance de ação transfigurada, segundo o grau de crescente tensão entre o 'herói' e o seu mundo. Nesse tipo de romance, o herói tenta ultrapassar o conflito que o constitui existencialmente pela transmutação mítica ou metafísica da realidade. O conflito, assim solucionado, força os limites do gênero romance tangendo a poesia e a tragédia.²²

O gênero romance deixa seu modelo tradicional, que mostra o Brasil sob o aspecto regional e realista, e ganha nova dimensão como a de registrar o questionamento estético da linguagem, discutindo os limites do próprio gênero. Exemplo disso é o autor de *A hora da estrela*, objeto de estudo desta monografia, que ao longo da obra questiona-se sobre a linguagem e sobre o ato de escrever.²³

Entre 1930 e 1945 o panorama literário apresentava a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna em ritmo oscilante entre fechamento

²¹ DANTAS, José Maria S. *Novo Manual de Literatura*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979. p. 266-7.

²² BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p.442.

²³ GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática. 2.ed. 1998. p.25.

ou abertura do *eu* para a natureza. O romance introspectivo vinha afirmando-se e permaneceu viva a ficção intimista até a década de 50.²⁴

Escritores de penetração psicológica escavavam os conflitos do homem em sociedade, cobrindo com seus contos e “romances-de-personagem” os sentimentos que a vida moderna sucita na pessoa. O fluxo psíquico é trabalhado em termos de linguagem na prosa de Clarice Lispector, que percorreu o caminho da experiência formal. A passagem do puro psicológico ao experimental é evidente em sua obra.

Clarice mostrava que a realidade social ou pessoal (que fornece o tema) e o instrumento verbal (que institui a linguagem) se justificam pelo fato de produzirem uma realidade própria, com sua inteligibilidade específica. Não se trata de ver o texto como algo que se esgota ao conduzir a este ou àquele aspecto do mundo e do ser; mas de lhe pedir que crie para nós o mundo, ou um mundo que existe e atua na medida que é discurso literário²⁵.

Ela é a provável origem das tendências desestruturantes, que dissolvem o enredo na descrição e praticam esta com gosto pelos contornos fugidios. A perda da visão de conjunto decorre devido ao acúmulo de pormenores. Clarice Lispector foi talvez uma precursora na produção de textos do tipo “nouveau roman”, que verificamos em outras ficcionistas que estrearam após ela. São exemplos disso Maria Alice barroso que estreou em 1960 e Néliida Piñon, em 1961²⁶.

Há em seus contos e romances exacerbação do momento interior que, a certa altura, a própria subjetividade entra em crise. O espírito perdido na memória e auto-análise pede um equilíbrio. Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico²⁷.

²⁴ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p.434-5.

²⁵ CANDIDO, Antonio. *A nova narrativa. In: A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p.206

²⁶ CANDIDO, Antonio. Op. Cit. p.210

²⁷ BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p.481.

A partir de *Laços de família* (1960), desenvolvem-se os perfis femininos mais freqüentes das personagens de Clarice. Nos contos, predomina o modelo da dona de casa pequeno-burguesa em conflito com sua condição de mãe e esposa, vivendo um cotidiano institucionalizado, abafado pelo peso da rotina. As mulheres dos romances vivem em geral sozinhas, não têm relações amorosas estáveis nem filhos, vivem em contato com a cultura urbana letrada e não revelam problemas de ordem financeira. Envolvidas na própria subjetividade enfrentam solidão e melancolia. Excluída desses perfis, vinculados à cena urbana social, está Macabéa de *A hora da estrela* (1977), cuja miséria e ignorância lhe vedam o acesso à cidade grande e à constituição familiar²⁸.

Por meio da indagação interior, da sondagem psicológica, da utilização do discurso indireto livre que capta o pensamento das personagens, do fluxo de consciência é que podemos compreender a visão intimista de Clarice Lispector.

A autora adota estilo peculiar em *A hora da estrela*. Utiliza a palavra desnuda com um pouco de aspereza por meio do autor masculino que é, também, narrador e personagem. Segundo ele, uma escritora mulher poderia “choramingar piegas” ao contar a história de Macabéa. É nesse terreno melancólico que Clarice Lispector fertiliza a matéria do risível, matéria essa que transita em meio a temas sociais, culturais, econômicos e até psicológicos. A presença do risível em *A hora da estrela*, objeto de estudo desta monografia, será analisada no capítulo 4 da mesma.

²⁸GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática. 2.ed. 1998. p.18-9.

Capítulo 4

A hora da estrela e a presença do risível

A obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, objeto de estudo desta monografia, tem início com o pedido de desculpas do autor-narrador Rodrigo S.M por se tratar de história tão simples. Ele tem dúvidas sobre a vida e sobre a literatura, suas divagações iniciam a obra e a perpassam até o fim.

O autor começa a contar a história de Macabéa. Ela é alagoana, pobre, órfã, virgem, mal alimentada, amarelada e muito solitária. Foi criada por uma tia beata com quem foi para o Rio de Janeiro. Quando a tia morre, ela vai dividir um quarto com algumas balconistas que mal conhece e dorme com fome. Macabéa fez um curso de datilografia e por isso tem emprego em um escritório, mas como é semi-analfabeta, logo o chefe avisa que será despedida.

Um dia Macabéa decide faltar o serviço mentindo que iria ao dentista. Saiu a passeio e conheceu Olímpico de Jesus, que era paraibano e trabalhava em uma metalúrgica. Ele já havia matado no nordeste e se sentia homem por isso. Os dois iniciam um namoro frio e se encontram nos bancos de praça. Uma vez foram ao zoológico e ela estava apaixonada. Olímpico conhece Glória, colega do serviço de Macabéa, compara as duas e vê que Glória é bem alimentada, branca e carioca; então rompe com a nordestina e passa a sair com a carioca.

Macabéa volta à solidão e ao degredo, sua única ponte com o mundo é a rádio-relógio. Glória fica com pena por roubar o namorado da colega e decide pagar-lhe uma cartomante. A jovem chega à casa de Madame Carlota que fora prostituta e caftina e agora

lê o futuro nas cartas. A cartomante é carinhosa como ninguém fora antes com ela. Madame vê toda a vida de tristeza da alagoana, mas tem grandes previsões para o futuro. Ela diz a Macabéa que conhecerá um estrangeiro rico que casará com ela e lhe dará amor e roupas caras. Ela sai da cartomante com a esperança que nunca tivera, era feliz só em pensar no futuro. No entanto, ao atravessar a rua um carro de luxo a atropela e bate com a cabeça na quina da calçada. O autor fica indeciso se ela deve ou não morrer, enfim ela morre e tem, nesse momento sua hora de estrela.

Na análise do risível em *A hora da estrela* de Clarice Lispector tem-se como base a exclusão social, a não adaptação de Macabéa no mundo, o que a torna ridícula, torpe e conseqüentemente risível. Além disso, a linguagem do narrador é importante nessa análise porque utiliza alguns recursos como a ironia, a reificação e a ausência de eufemismos. Macabéa é personagem pobre, nordestina, mal alimentada, amarelada, feia, ignorante, sem letramento algum, e com “tendência para ser feliz”. Clarice Lispector consegue tornar risível a história de desgraça da nordestina.

No trecho abaixo o narrador utiliza uma ironia dizendo que Macabéa tinha uma profissão. Isso não atesta que tinha dignidade uma vez que é analfabeta funcional.

*E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa. Embora, ao que parece, não aprovasse na linguagem duas consoantes juntas e copiava a letra linda e redonda do amado chefe a palavra “designar” de modo como em língua falada diria: “desiguinar”.*²⁹

O narrador utiliza o recurso da reificação reduzindo a personagem a uma coisa. Sua personalidade é bem definida por meio dessa metáfora.

*Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim*³⁰.

A inadequação de Macabéa no mundo se destaca neste trecho:

*Se fosse criatura que se exprimisse diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim.*³¹

²⁹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 15

³⁰ LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.31.

O narrador descreve a personagem sem eufemismos levando-a ao nível do ridículo e por vezes repugnante.

Assoava o nariz na barra da combinação. Não tinha aquela coisa que se chama encanto³². E tinha um luxo, além de uma vez por mês ir ao cinema: pintava de vermelho grosseiramente escarlate as unhas das mãos. Mas como as roia até o sabugo, o vermelho berrante era logo desgastado e via-se o preto sujo por baixo³³.

Macabéa passava fome e teve vontade de comer um creme para pele que vira em um anúncio. Esta cena pode provocar riso, mas pelo cerne da questão ser a fome torna-se um riso exterminador.

(...) o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo. É que lhe faltava gordura e seu organismo estava seco que nem saco meio vazio de torrada esfarelada³⁴.

O nome da personagem é estranho como ela. Olímpico da sua opinião quando pergunta qual a graça da moça.

Me desculpe mas até parece nome de doença, doença de pele³⁵.

Macabéa sente culpa por tudo e sempre está se desculpando. A culpa é um dos aspectos psicológicos da personagem. Sempre que Olímpico e Macabéa se encontram chove, então ele diz:

*Olímpico: - Você também só sabe é mesmo chover!
Macabéa: - Desculpe³⁶.*

A nordestina não tinha letramento, por consequência não sabia o que conversar com Olímpico, seu namorado. Novamente é mostrado o ridículo na personagem.

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?³⁷

³¹ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 p.24.

³² LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.27.

³³ LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.36.

³⁴ LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.38

³⁵ LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.43

³⁶ LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.44

³⁷ LISPECTOR, Clarice. Op. cit. p.44

Olímpico demonstrou seu carinho por Macabéa levantando-a acima da própria cabeça, mas logo acaba a alegria dela.

*Mas derrepente ele não agüentou o peso num só braço e ela caiu de cara na lama, o nariz sangrando*³⁸.

Alienada, Macabéa não tem consciência de si mesma ou de sua classe. Por isso tem sonhos irrealizáveis.

*- Sabe o que mais eu queria na vida? Pois era ser artista de cinema.(...) Adoro os artistas. Sabe que Marlyn era toda cor-de-rosa?*³⁹

Nas falas de Olímpico pode-se notar o predomínio do tipo de riso exterminador ou trágico.

*- E você tem cor de suja. Nem tem rosto nem corpo para ser artista de cinema*⁴⁰.

Quando Olímpico leva Macabéa ao zoológico podemos perceber outro aspecto psicológico: o medo. Ela teve medo do rinoceronte.

*(...) teve tanto medo que se mijou toda*⁴¹.

Apresenta-se uma ironia na fala do narrador quando diz que Olímpico procura ser “gentil” na despedida do fim de namoro. Realmente Olímpico tenta ser gentil pedindo desculpas a Macabéa, mas sua grosseria nessa fala reduz ainda mais a personagem a uma coisa.

*-Você Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero*⁴².

Na descrição do narrador percebe-se que a própria personagem é acometida pelo riso em um momento de desgraça e dor.

³⁸ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p.53.

³⁹ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.53.

⁴⁰ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.53.

⁴¹ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.55.

⁴² LISPECTOR, Clarice. Op. cit p.60

Na hora em que Olímpico lhe dera o fora, a reação dela (explosão) veio de repente inesperada: pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar. Surpreendido, Olímpico, sem entender, deu algumas gargalhadas⁴³.

Macabéa sai esperançosa da cartomante que lhe diz muitas coisas boas para seu futuro e que encontrará um amor que é rico.

Esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai casar com você! Ele tem muito dinheiro, todos os gringos são ricos. (...) ele vai lhe dar muito amor (...)⁴⁴

A maior ironia deste romance é o fim de Macabéa. Após sair esperançosa da cartomante é atropelada por um carro de luxo e tem no momento da morte sua hora de estrela. Nesse momento o texto dialoga com a tragédia e é risível como a cartomante faz uma previsão tão errada. Talvez a cartomante não seja uma charlatã, mas apenas uma pessoa que quis dar um pouco de esperança a uma pessoa que nada teve e tinha apenas o “abraço da morte”⁴⁵ para esperar.

*E enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a (...)⁴⁶
Batera com a cabeça na quina da calçada e ficara caída, a cara voltada para a sarjeta.⁴⁷
(...) queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas.⁴⁸
Vejo que ela vomitou um pouco de sangue(...)⁴⁹
Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que Macabéa morreu.⁵⁰*

⁴³ LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998 p.61.

⁴⁴ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.77.

⁴⁵ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.84.

⁴⁶ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.79.

⁴⁷ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.80.

⁴⁸ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.85.

⁴⁹ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.85.

⁵⁰ LISPECTOR, Clarice. Op.cit. p.85

Conclusão

Esta monografia analisa o risível, presente em seu objeto de estudo: *A hora da estrela*, ressaltando os aspectos de inadequação de Macabéa no mundo, aspectos estes que a tornavam um ser excluído e ridículo, sem deixar de lado o estilo da autora Clarice Lispector que tornou possível contar uma vida de dor de modo risível. Por meio da ironia, da reificação e da ausência de eufemismos, a autora tece o drama risível de uma alagoana no Rio de Janeiro. Para essa análise abordou-se o romance modernista, a visão intimista de Clarice Lispector, o risível e sua presença na mencionada obra.

Especificamente na obra *A hora da estrela*, o risível causa uma amplitude de sensações e reflexões afora simplesmente o riso. O presente trabalho esclarece sobre o romance modernista, sobre a escrita intimista clariceana e traz reflexões não somente sobre o risível, mas sobre os aspectos sociais, culturais, econômicos e psicológicos que permeiam esse tema na mencionada obra.

Referências

- ABAUREE**, Maria Luíza. *Coleção base: português*. Vol. Único, 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000. p. 274-5
- ALBERTI**, Verena. *O riso e o risível: na história do pensamento*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.: FGV, 1999.
- ÁVILA**, Fernando Bastos de. *Pequena enciclopédia de moral e civismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1978.
- BOSI**, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1985. p.478.
- CANDIDO**, Antonio. *A nova narrativa*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- DACANAL**, José Hildebrando e outros. *O romance modernista*. Porto Alegre: UFRGS, 1990. p.27.
- DANTAS**, José Maria S. *Novo Manual de Literatura*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- D'ONOFRIO**, Salvatore. *Teoria do texto. Prolegômenos e teoria da narrativa*. Vol.1. São Paulo: Ática, 1995. p.116.
- GUIDIN**, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática. 2.ed. 1998. p.22-3
- LISPECTOR**, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MUCKE**, D.C. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PROPP**, Vladimir. *Comicidade e riso*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx